

DA *DECIFRAÇÃO*
EM TEXTOS MEDIEVAIS

IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação

Ana Paiva Morais
Teresa Araújo
Rosário Santana Paixão



Edições Colibri

Biblioteca Nacional - Catalogação na Publicação

Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, 4, Lisboa, 2002

Da decifração de textos medievais / IV Coloquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval ; coord. Maria Teresa Alves de Araújo, Maria do Rosário Carmona E. S. Paixão, Ana Paiva Morais. - (Extra-colecção)

ISBN 972-772-425-6

I - Araújo, Maria Teresa Alves de, 1960-

II - Paixão, Maria do Rosário Carmona Esteves Santana, 1956-

III - Morais, Ana Paiva, 1956-

IV - Associação Hispânica de Literatura Medieval, Secção Portuguesa

CDU 821.134.2.09"04/14"

821.134.3.09"04/14"

821.133.1.09"04/14"

061.3

Título: Da *Decifração* em Textos Medievais
IV Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval

Coordenação: Ana Paiva Morais, Teresa Araújo
e Rosário Santana Paixão

Editor: Fernando Mão de Ferro

Capa: Ricardo Moita

Depósito legal n.º 201 330/03

Tiragem: 1.000 exemplares

Lisboa, Novembro de 2003

DECIFRANDO O MEMORIAL DE PAULO DE PORTALEGRE

Cristina Sobral
(Universidade de Lisboa)

O conhecido hagiólogo Jorge Cardoso e os cronistas monásticos do séc.XVII conheceram o *Novo Memorial do Estado Apostólico*, do lóio Paulo de Portalegre (t 1510), que citam referindo-se-lhe como "memórias", "tratado" e "historia"¹. O conhecimento recente de um testemunho do séc.XVI² veio alargar o que se sabia da produção literária do autor quatrocentista³.

¹ Jorge Cardoso, *Agiologio Lusitano dos Sanctos e varoens illustres*, I, Lisboa, Officina de Henrique Valente d'Oliveira, 1657, pp. 124, 267, 403, 452, 539, etc.; Jorge de São Paulo, *Epilogo e compendio da origem da Congregação de Sam Joam Euangelista*, 1658 (Ms. 924 ADB), pp. 160, 175; Leão de S.Tomás, *Benedictina Lusitana*, edição facsimilada da edição de 1651 com introdução e notas de José Mattoso, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1974, p. 405; Francisco de Santa Maria, *O Ceo Aberto na Terra. Historia das Sagradas Congregações dos Conegos Seculares de S.Jorge em Alga de Venesa e de S.João Evangelista em Portugal*, Lisboa, na officina de Manuel Lopes Pereyra, 1697, prólogo.

² O manuscrito (IAN/TT 796) foi pela primeira vez noticiado na BITAGAP (Bibliografia de Textos Antigos Galegos e Portugueses, preparada por Arthur L-F. Askins, Harvey Sharrer, Aida Fernanda Dias e Martha E. Schaffer), consultável em <http://sunsite.berkeley.edu/Philobiblon/BITAGAG>. Encontro-me a preparar a edição crítica do texto.

³ O *Fios Sanctorum* de 1513 usou como fonte o seu *Fios Sanctorum*, onde colheu a Vida de S.António de Lisboa e talvez também outras narrativas (Cristina Sobral, "O *Fios Sanctorum* de 1513 e suas adições portuguesas", *Lusitania Sacra*, 2.ª série, tomo XIII-XIX (2001-2002), pp. 531-568). Paulo escreveu, além disso, um *Tratado* e uma *Carta* sobre a morte do 3.º Duque de Bragança (v. Cristina Sobral, "Um autor ignorado e a recepção da hagiografia no século XV", *O Género do Texto Medieval*, coord. por Cristina de Almeida Ribeiro e Margarida Madureira, Lisboa, Edições Cosmos, 1997).

IV Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Lisboa, Edições Colibri, 2003, pp. 163-178.

A obra contém 27 capítulos divididos em duas partes, num total de 75 folios numerados por um anotador do final do séc. XVIII⁴ que emenda, ignora ou reinterpreta uma numeração contemporânea da cópia que substitui as assinaturas dos dez cadernos, assinados apenas no primeiro fólio⁵. A numeração dos capítulos na primeira parte, do 1.º ao 10.º, é inscrita pelos copistas a seguir ao título. Na segunda parte, o mesmo anotador que foliou o códice emendou a numeração original, da mão dos copistas, que recomeçava do primeiro capítulo, para numeração contínua: assim, em "capitulo primeiro" (fl.20v), anulou *primeiro* com um traço e por cima escreveu **11**. Também a seguir à rubrica que intitula o capítulo seguinte (fl.22r) lê-se, da mão do copista, *capitulo* 2, ao qual foi acrescentado pela mão do anotador um 1 antes do 2. Do mesmo modo foram emendadas as numerações dos capítulos: **3.**" para **13.**" (fl.23r), **4.**" para **14.**" (fl.24r), 5 para **15** (fl.26r), **6** para **16** (fl.26v), **7.**" para **17.º** (fl.27v), **8** para **18** (fl.30r), **9** para **19** (fl.31r) e **11** para **21** (fl.38v). No fl. 33v começa o capítulo 10.º mas o copista por erro registou-o 9. Percebendo-o, o anotador emendou para **20**. Seguindo a ordem até aqui verificada, depois do 11.º deveríamos ter o 12.º capítulo, emendado pelo anotador para 22.º No entanto, o copista registou-o (fl.50r) com o número **14**, que o anotador cortou com um traço, escrevendo adiante 22, o que significa que a cópia omitiu dois capítulos neste lugar e o anotador sancionou a omissão, não interrompendo a numeração contínua. A numeração dos capítulos seguintes mostra que não se tratou aqui de um erro de cópia de troca de 12 por 14: foram registados pelo copista como **15** (emendado para **23**, fl.51r) e **16** (emendado para **24**, fl.53v).

No final do fl.58v falta outro capítulo, cujo título foi inscrito nas duas últimas linhas da página, distanciadas por espaço do fim do anterior: "Exêplos acerqa do que homê usa ã a vida e do que fala que iso mesmo fala e husa à ora da morte". Não há dúvida que o original iniciava aqui este capítulo, pois ele é anunciado no anterior, onde se conta a vida e morte do Padre João de Arruda⁶:

Ó padre Joane, quê se nõ alegrara de tão santo acabemto em o qual temos marauilhoso argumêto que cada hum como vive asi acaba e aquelo em que se mais deleita em a vida e que mais costuma, aquelo obra em a morte, do que me parece proveytoso poer algüs exemplos que

- ⁴ Devo a Susana Pedro, a quem agradeço, a datação paleográfica do manuscrito.
- ⁵ Constituem excepção os dois últimos cadernos, que não têm esta foliação interna mas apenas a assinatura no primeiro fólio e a foliação contínua do anotador do séc. XVIII.
- ⁶ Na transcrição do texto desenvolve abreviaturas, introduzo maiúsculas, pontuação e acentuação de forma a desfazer ambiguidades homográficas.

me ocorem à memoria pois o caso asi se oferece, porè Padre Joane quero primeiro falar de noso Padre Joam d'Aruda... (fl.58v)

O copista registou o capítulo que falta como 17^o, que foi emendado para 25. "No fólío seguinte (59r), onde começa novo capítulo, o anotador deu-se conta da falta do texto cujo título numerara e, sem se preocupar em anular a numeração, repetiu-a neste capítulo, a que falta a numeração da mão do copista. O mesmo se passa com os dois seguintes, que são os últimos: sem numeração do copista, são apenas numerados pelo anotador como 26 e 27.

As citações feitas pelos autores do séc. XVII confirmam que a numeração original dos capítulos recomeçava na segunda parte. Jorge Cardoso indica, por exemplo, o capítulo 2 da 2.^a parte citando um passo do capítulo que o anotador emendou para 12.^o e indica o capítulo 7 (sem referir parte) citando o capítulo emendado para 17.^o Francisco de Santa Maria indica o capítulo 11 da 2.^a parte como o que contém a vida do Padre Baptista, contida no capítulo emendado para 21.^o

A série de assinaturas não sofre nenhuma interrupção, pelo que as lacunas não resultam de perda de cadernos e a verificação das coseduras mostra que não houve perda de fólíos. Isso quer dizer que os copistas não copiaram mais do que aquilo que hoje se conserva no manuscrito. A explicação mais provável para o desaparecimento de três capítulos é a deterioração do antecedente, que explicaria ainda outras lacunas, de menor dimensão. Falta o fim do capítulo numerado pelo anotador como 25.^o, que conta a vida do P.João de Nazaré, falta essa que deixou em branco metade do fl.70r e todo o fl.70v. O capítulo seguinte só começa no fl.71r, terminando a narrativa da morte de João de Nazaré abruptamente. O espaço em branco deixado pelo copista deve representar uma esperança de melhor êxito em futuro esforço de decifração, visto que este copista, tal como os outros três, inicia cada capítulo imediatamente a seguir ao que termina, deixando apenas o espaço de uma ou duas linhas. Também no foi. 44r outro copista deixou em branco o espaço de uma frase correspondente a uma citação bíblica, cuja omissão só se justifica por ilegibilidade do antecedente. Por outro lado ainda, podemos compre-

1 Estes três últimos capítulos partilham algumas características materiais, cujo esclarecimento poderá vir a permitir uma mais exacta reconstituição do original. Ocupam os dois últimos cadernos do códice que, além de não terem numeração de capítulos do copista nem foliação interna, são responsabilidade exclusiva de um novo copista, que até aí não tivera intervenção na cópia. Não se trata de um caso de copia *alia pecia*, pois os anteriores 8 cadernos são copiados por três copistas cujas mudanças de mão não coincidem com mudança de caderno.

ender o comportamento do anotador que, não possuindo um testemunho mais completo, tenha desejado eliminar o sinal da falta dos três capítulos, substituindo a numeração original pela contínua.

Os autores do século XVII que citam os três últimos capítulos nunca referem o número que eles tinham na obra de Paulo, como fazem para outras citações. Se o comportamento destes autores relativamente a referência a fontes é tudo menos sistemático e rigoroso, a verdade é que esta ausência também pode ser um sinal de que os três últimos capítulos não eram numerados originalmente, talvez porque esta zona do *Memorial* era, no autógrafo, uma zona aberta a novas contribuições. A redacção foi iniciada em 1468, a 15 de Agosto, como o autor registou no prólogo, e o penúltimo capítulo, que conta a história do Abade Santo, o famoso abade que, deleitado com o canto de um pássaro, atravessa muitos anos sem envelhecer e não é reconhecido pelos companheiros quando regressa ao seu mosteiro, foi escrito em 1469. A lenda, talvez de origem celta, que se divulgou em toda a Europa, é contada como caso passado com um antigo abade beneditino de S.Salvador de Vilar de Frades e o local onde foi ouvido o canto do melro é identificado com um topónimo da região. Paulo regista a data da trasladação do abade para túmulo elevado na igreja do convento no próprio dia em que escreve, contando a história: "oje, que som quíze dias de Setèbro anno do Senhor 1469, foe treladado per teu ècaminhamento e per os irmãos desta casa que ora presentes somos...". Isto significa que o *Memorial* foi escrito entre 1468 e 1469, visto que depois deste capítulo existe apenas mais um, provavelmente escrito a muito pouca distância, como se pode deprender da remissão circunstancial com que se inicia: "Apos ho feito deste sancto abbade me parece (...) ser cõveniente poer a vida e penitencia (...) do servo de Deos chamado Pobre Johane" (fl.72v). O eremita João (|1444)⁶, cuja vida é neste último capítulo contada, foi sepultado no convento de Vilar, sendo trasladado para sepultura mais digna durante o reitorado do P.João de Nazaré, na mesma altura da elevação do Abade Santo, como nos diz Paulo no fl.66v, ocorrendo, portanto, ambas as trasladações em 1469. O antepenúltimo capítulo conta a vida e morte do P.João de Nazaré, que presidiu às duas trasladações, não podendo por isso estar morto antes de 1469.

⁶ V. José Joaquim Nunes, "Uma lenda medieval - o monge e o passarinho", *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol.XII (1917-1918), 1920, pp. 389-405. Paulo de Portalegre terá usado um texto latino do mosteiro de Vilar de Frades, de que os lóios tomaram posse em 1425, depois da morte do último abade beneditino. Fr. Leão de S.Tomás transcreve com considerável fidelidade, na *Benedictina Lusitana* (I, pp. 402-406), todo o capítulo escrito por Paulo.

⁷Jorge de São Paulo, *op.cit.*, p. 273. No termo de Barcelos ganhou fama, sendo procurado por D.Constança, segunda esposa do 1.º Duque de Bragança, D. Afonso.

Foi reitor de Vilar entre 1460 e 1471¹⁰ e a sua morte tem de ser posterior ao conflito vivido pelos padres de Vilar com o arcebispo de Braga D. Luís Pires, solucionado em 1477¹¹. Conta Paulo que as trasladações do abade e do eremita ocorreram logo após a "disensom da clerizia deste arcebispado cõ ho arcebispo Dom Luis", ocorrida no "começo de seu pastorado" (fl.66v). A informação coincide com a data da trasladação em 1469 dada no capítulo 26 e com a data do início do governo do arcebispo em 1468. Interveio neste conflito um tal Pedro Álvaro, favorável ao arcebispo e a quem João de Nazaré previu uma má morte. No final do conflito, porém, mudou de opinião, tomando-se grande amigo dos padres e aconselhando o arcebispo a não os expulsar de Vilar (fl.67v). Por isso, quando morreu foi sepultado no convento. João de Nazaré adoeceu logo a seguir ao enterro (fl.68r). A referência ao fim do conflito indica que as mortes de Pedro Álvaro e de João de Nazaré foram posteriores a 1477. A narrativa de Paulo confirma, assim, a data registada por Francisco de Santa Maria para a morte do Reitor de Vilar em 1478¹². Conclui-se que o capítulo sobre a sua vida é uma interpolação feita pelo menos nove anos depois de acabada a obra.

Saber se há outros textos interpolados depende do conhecimento das datas da morte dos restantes biografados. Os dois únicos autores que as fornecem são Jorge Cardoso e Francisco de Santa Maria, divergentes uma ou outra vez e, principalmente, em contradição com os factos narrados por Paulo, cuja autoridade histórica, no entanto, alegam. Na verdade, se aceitarmos as suas datas devemos admitir, por um lado, que Paulo sofria de graves perturbações de memória, e, por outro, que há quatro textos interpolados de forma desordenada: Vasco Gonçalves, morto em 1478, seguido de Jacobo, morto em 1485, seguido de João de Arruda, morto em 1470¹³, seguido de João de Nazaré, morto em 1478. As referências de Paulo de Portalegre fornecem outra cronologia e obrigam também a rever a data da morte do Padre Baptista, 1465, segundo Francisco de Santa Maria¹⁴.

Conta Paulo no capítulo 10.º da segunda parte que, sofrendo grave febre durante um acidente de peste, teve uma visão em que viu dois padres já falecidos: Martim Lourenço e Baptista. Como tinha datado

1º Segundo a lista de reitores de Vilar de Frades registada por Jorge de São Paulo (*op. cit.*, p. 369)

11 José Marques, *A Arquidiocese de Braga no Século XV*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, p. 945, n. 838, 839.

12 Francisco de Santa Maria, *op. cit.*, p. 826.

13 Francisco de Santa Maria, *op. cit.*, p. 753.

14 Francisco de Santa Maria, *op. cit.*, p. 736.

(fl.28r) em 1458 o surto de peste, sabemos que nessa data Baptista já estava morto. Disseminadas por outros capítulos, colhem-se outras informações: morreu em Roma (fl.74r), onde tinha sido enviado pelo Duque de Bragança D.Afonso (que morreu em 1461), para advogar na cúria as "liberdades" da casa (fl.63v), que são as questionadas durante o conflito com o arcebispo de Braga D.Fernando da Guerra, visto que Baptista morreu quando "esta lide cõ grã devaçam e tramquilidade de coraçam segia, per cuja morte os feitos fiquarõ desertos" (fl.64r). As afirmações garantem que Baptista morreu antes da resolução do conflito, verificada em 1461, e impossibilitam a data de 1465. Foi devido à morte de Baptista que foi eleito reitor de Vilar Vasco Gonçalves, que também morreu logo depois, levando à eleição de Diogo Alvares (fl.63v). Ora a lista dos reitores de Vilar fornecida por Jorge de S.Paulo diz que Vasco Gonçalves foi reitor em 1458 e Diogo Alvares em 1459. Se a substituição se deu por morte do primeiro, esta ocorreu em 1459 e Baptista morreu em 1458, provavelmente antes do Verão, quando Paulo o viu no seu delírio durante o surto de peste. A proximidade das mortes de Baptista e Vasco Gonçalves é corroborada pela associação que delas faz uma devota do primeiro que, no capítulo sobre a sua vida, o vê vindo buscar Vasco Gonçalves no dia da sua morte (fl.48v).

Quanto a Jacobo, não pode ter morrido em 1485 porque quando Paulo escreve o capítulo 4.º da segunda parte já ele tinha morrido, como nos diz ao narrar o caso de Ambrósio: "forão a elle ho nosso amado e discreto irmão Jacobo, queja hé andado pera Déos..." (fl.25r). A hipótese de este capítulo ser também uma interpolação, posterior a 1485, é difícil de aceitar, visto que as interpolações supõem actualização com o registo da vida e morte de figuras notáveis e exemplares. Ambrósio não só não pertence a esta categoria como está vivo no momento em que Paulo escreve sobre ele (cf.fl.26r). Quando ocorre o caso, era reitor em Vilar João de Nazaré, que aparece a avaliar e aceitar o noviço ("Pero indo elle asi friamente em sua noviciaria, relevãdo-o, Padre, tua caridade polo salvar...", fl.24v) e a autorizar a sua partida ("Finalmente, Padre Joane, sendo tu movido cõ caridosa emtemção, lhe davas azo e cõ cartas o èvias a noso Padre ho Bispo", fl.25r). Os factos são, portanto, posteriores a 1460 ou talvez mesmo a 1461, se identificarmos este Jacobo com aquele que aparece a assinar a concórdia dos padres de Vilar com o arcebispo em 1461¹⁵. Assim sendo, Jacobo terá morrido entre 1461 e 1469¹⁶.

¹⁵ José Marques, *op. cit.*, p. 867.

¹⁶ Existem outros casos de discrepância cronológica entre Francisco de Santa Maria e o *Memorial*, que aqui não abordarei por não terem consequência no problema da avaliação das interpolações. Também não me deterei na discussão da possível razão da

Quanto a João de Arruda, não há, na narrativa de Paulo, elementos que permitam discutir a datação de Francisco de Santa Maria, o que, não significando necessariamente que ela esteja correcta, nos obriga a aceitá-la e a admitir que pode tratar-se de outra interpolação.

Os capítulos que narram a vida e morte dos padres mais notáveis da Congregação são, afinal, ordenados cronologicamente, ao contrário do que as datações dos cronistas deixavam perceber, mas constituem um bloco de sentido uniforme que se pretende preservar e distinguir de outro bloco, o constituído pelas vidas do Abade Santo e do eremita João, cuja localização no final da obra não obedece à cronologia. A distinção semântica explica que as adições de padres falecidos depois de 1469 surjam interpoladas e não adicionadas no final. Torna-se, portanto, evidente, que Paulo concebeu um plano da obra, definiu critérios e procurou manter-se fiel a eles.

Conjecturar o conteúdo dos perdidos capítulos 12 e 13 pode, então, tomar como fundamento o facto de se situarem num núcleo de notáveis da Congregação, de perfil hagiográfico e falecidos em 1458. Cumprem este critério dois cônegos mencionados por Francisco de Santa Maria num único capítulo: Afonso Pedro e Ivo de Borgonha morreram prestando assistência aos empestados de Lisboa. O autor de *O Ceo Aberto na Terra* assegura que escreve "delles o Padre Paulo (...) testemunha de vista: porque conheceu, e tratou a ambos"¹⁷. Também é possível que um dos capítulos fosse sobre os últimos anos do fundador dos lóios, João Vicente, cuja vida Paulo conta nos capítulos 5.º a 10.º da primeira parte e 1.º da segunda. Francisco de Santa Maria é muitas vezes impreciso nas suas referências às fontes e nem sempre se pode fundamentar nelas afirmações categóricas. Mas sempre que cita textualmente o *Memorial*, a citação é localizável, mesmo que seja deturpada. A única citação de que não se encontra eco é a que diz respeito à relação espiritual de João Vicente com D. Beatriz da Silva em Castela: "& afirma o P. Paulo, que o Santo Bispo a confessava, & era seu mestre espiritual: **Recebia, diz, do nosso Padre, espirituaal aproveitamento, & piedosa ensinança**" (p. 594). No *Memorial*, embora Paulo se refira brevemente à prolongada estadia de João Vicente em Castela (fls. 28v, 31v, 63r)¹⁸, não faz nenhuma refe-

discrepância, lembrando apenas que a colação entre a narrativa onde indica Paulo como fonte e a própria fonte revela uma utilização inexacta e deturpada.

¹⁷ Francisco de Santa Maria, *op. cit.*, p. 678.

¹⁸ A estadia documenta-se em 1454 e 1455 (António Domingues de Sousa Costa, *Bispos de Lamego e de Viseu no século XV (revisão crítica dos autores)*, I (1394-1463), Braga, Editorial Franciscana, 1986, p. 388) mas pode ter-se estendido de 1447 a 1456 (Jorge de São Paulo, *op. cit.*, pp. 159-163).

rência a D. Beatriz da Silva. Por sua vez, as remissões internas feitas por Paulo apontam para a existência, na obra, de informação sobre o fundador que hoje lá não se encontra: nos fl.8v, 9r, 11r e 19v promete contar adiante como ele se deu às ciências até à morte, como conservou toda a vida o desprezo pelas festas mundanas, quais os costumes que tinha na velhice e como veio a ser bispo de Viseu. A ausência de referente para estas remissões e a ausência do texto citado pelo cronista poderão significar que um dos capítulos perdidos debruçar-se-ia sobre os últimos anos de João Vicente, cuja morte é contada no capítulo 14.º da segunda parte.

Paulo de Portalegre não chamou à sua obra crónica nem lhe encontramos um rigoroso e contínuo enquadramento cronológico, com a datação dos acontecimentos narrados, nem um narrador heterodiegético, destinado a sugerir objectividade. Além da data de começo de redacção, só lhe pareceu importante datar com exactidão um acontecimento que o marcou pessoalmente, a peste de 1458, e a trasladação de uma figura de prestígio mítico como o Abade Santo, capaz de cumprir uma função tutelar na primeira casa da Congregação. Outros factos, porventura mais importantes para o historiador, relativos à fundação e depois ao longo período de afirmação da Ordem, obtida a custo durante cerca de trinta anos de conflito com o poderoso arcebispo D. Fernando da Guerra, ou não são datados ou são-no de forma imprecisa e aproximada, por referência a outros acontecimentos e seguindo o fio das recordações do autor¹⁹. A sua experiência pessoal e memórias são o motor da narrativa, apresentadas no prólogo como um certificado de historicidade, quando declara que contará coisas de que "possa aver verdadeira notícia" e quando roga aos leitores que não pensem que na obra porá senão "aquele de que for certo per vista ou per testemunho de verdadeiras pesoas". Outra estratégia de credibilização do discurso é a constante convocação do testemunho do destinatário, o P. João de Nazaré, que encomendou a composição do *Memorial* e ao qual Paulo se dirige frequentemente, tornando-o cúmplice do reconhecimento da verdade: "E foi começada [a obra] per mândado do devoto Padre Johã de Nazareht, sacerdote do Senhor e Rector da dieta casa, ao qual se refere o autor quada que diz "tu, padre Johane, ho viste ou ouviste", etc." (prólogo).

A preocupação em certificar a verdade é acompanhada pelo discurso autobiográfico e por uma caracterização das personagens muitas vezes filtrada pela percepção afectiva do autor que as conheceu e com elas criou laços emocionais. Paulo traça o plano da obra no prólogo:

¹⁹ São usadas expressões do género "Pois em aqueles dias que tu aqui vieste (...) Nestes dias levou Deos muitas almas pera si: ho meu amado Padre Baptista (...) En esses dias foe outrosy roubada e esbulhada ha casa de Reciam..." (fl.63v)

E será com a graça divina diviso em duas partes. A primeira tracta como a nosa vida e modo de viver traz o seu início e fudamêto da vida dos apóstolos d'u trazê fundamento todos os boôs e riligiosos stados. Outrosi se poerá a rehedificaçã deste apostolical estado enas partes de Italia e dos primeiros fundadores e principaes instituidores e juntamente dos primeiros instituidores em estes regnos de Purtugal desta comgregaçam. En a segunda tractaremos do que a elles acõteceo cõ o arcebispo de Bragua chamado Dom Fernãdo. E asi das notáveis pessoas da dieta cõgreguaçã e de outros estados quando a rezam do fecto ho requirir. E asi outras cousas dignas de lenbrar de que eu possa aver verdadeira noticia, as quais Noso Senhor obra agora em nosos tenpos.

Os três primeiros capítulos contêm a história da fundação da Congregação de S.Jorge em Alga de Veneza, à qual Eugénio IV ligou a nova congregação portuguesa de cónegos seculares, o 4.º exalta as vantagens da vida religiosa e expõe o fundamento apostólico da vida em comum. Os restantes seis da primeira parte contam a fundação em Portugal, por João Vicente e seus companheiros. Ao contrário do que a ordenação da matéria narrativa faria supor, a filiação da portuguesa congregação de cónegos seculares na congénere veneziana é posterior à sua fundação. João Vicente obteve-a do papa Eugénio IV, ele próprio um dos fundadores da Congregação de Veneza, em 1431, numa viagem a Itália. A filiação atribui aos cónegos sediados em Vilar de Frades (termo de Barcelos) desde 1425 o mesmo estatuto, isenções e privilégios, permitindo-lhes eximir-se à jurisdição ordinária do arcebispo de Braga e passar a depender directamente do papa. Foi este privilégio que esteve na origem do longo e penoso conflito com D.Fernando da Guerra que, em 1461, obtém a vitória sobre os padres, obrigando-os a sujeitarem-se à sua autoridade e exigindo que, nos limites do seu arcebispado, não usassem o hábito azul da Congregação de Veneza, que lhes tinha sido concedido pelo Papa, nem se reclamassem dependentes ou filiados nessa Congregação²⁰. Apesar de entretanto espalhados por outras casas²¹ e de alcançada uma projecção social e política que foge ao controlo dos arcebispos bracarenses, os lóios mantêm com o convento de Vilar uma relação afectiva e simbólica muito particular, que justificou o reacendimento do conflito em 1468, à chegada de D.Luís Pires a Braga.

O facto de Paulo de Portalegre começar o seu *Memorial* com a história da Congregação de Veneza deve ser lido como uma clara afirmação

20 A. D. Sousa Costa, *op. cit.*, pp. 422-425; José Marques, *op. cit.*, pp. 866-867.

21 Recião (1435), S.Eloy de Lisboa (1442), S.João Evangelista de Xabregas (1456).

de identidade e de independência face ao arcebispado, destinada a conferir prestígio à Congregação e a suportar ideologicamente as antigas reivindicações numa obra iniciada na mesma data em que se reinicia o conflito. É significativo o facto de o *Memorial* ter sido encomendado por João de Nazaré, o reitor que, em 1461, foi obrigado a humilhar-se perante D.Fernando e que em 1468 lidera o confronto com D.Luís. A filiação veneziana que permitia à Congregação a dependência directa do Papa é explicitamente alegada por Paulo:

He eu, Padre Johane, o pus en este começo por quedar en memoria, por me parecer fructuoso e ñ viir a nós en esquecimêto o devoto motivo e modo daqueles sanctos padres, d'u procedeo a nós Regra e graças infinitas per o Senhor Deos e os Sanctos Padres côcesas. Outrosi também por a todos ser noto o nosso fûdamêto ser licito e auturizado per a Sancta See Apostólica, sem cuja auturidade nehña pessoa pode nè deve seguir algũa via, ca eraria. (fl.2v).

Refere-se à congregação veneziana como "a nosa cõgregaçam" (fl.2v) e aos padres italianos usando a primeira pessoa do plural (fl.4r). O privilégio de fazer e modificar constituições é comum ("o poder a elles e a nós outorguado pellos Sanctos Padres", fl.5r) e o paralelo estabelecido no décimo capítulo, último da primeira parte, entre Eugénio IV, fundador em Veneza, e João Vicente, fundador em Portugal, serve uma estratégia identificadora evidente. A primeira parte da obra não é, portanto, apenas registo historiográfico factual: é também uma narrativa destinada a cumprir uma função colectivamente identificadora e politicamente reivindicativa.

Os seis capítulos que contam a fundação em Portugal contam simultaneamente a vida de João Vicente. É fácil reconhecer nesta narrativa um modelo de composição hagiográfica. João Vicente é filho de "bõas pessoas, mais famosas per bondades que per geração" (fl.8v), que lhe tinham "bem azado ho onor temporal", confiados na protecção do nobre D.João de Castro²². Indiferente às expectativas paternas, segue o impulso que o aproxima de um emparedado e lhe molda a vocação precoce para fugir do mundo e das suas honras, servindo a Deus. No momento da definitiva conversão, é colocado em paralelo com S.Agostinho.

As contrariedades que terá que enfrentar para realizar a *fuga mundi* e para fundar a Congregação resultam da constante intervenção do

²² O previsível êxito do santo no mundo, graças às suas qualidades e condição, é um *topos* hagiográfico de influência clássica (v. Elena Giannarelli, "La biografía cristiana antigua", *Scrivere di santi*, Roma, Viella, 1998, p. 58).

Diabo, cumprindo-se assim um modelo de santidade monástico tradicional. O prior dos Olivais que primeiro lhe dá acolhimento é levado pelo Diabo a expulsá-lo (fl.15v), o mesmo acontecendo com o de Campanhã (fl.16v). A primeira parte termina com a primeira vitória sólida na construção da nova instituição: a obtenção de Vilar de Frades. O discurso recorrente que atribui as dificuldades sentidas à acção concreta do Diabo faz esta conquista aparecer como uma vitória sobre o Inimigo que constantemente tentou o fundador. A congregação recém-fundada recolhe assim o mérito da santidade do fundador e alicerça-se num património espiritual de expressão hagiográfica que se desenvolverá na segunda parte.

Aí os dois primeiros capítulos contam a obtenção em Roma, por Mestre João, dos privilégios que deram à Congregação autonomia e identidade e a reacção hostil do arcebispo D.Fernando, e representam o amadurecimento da linha de sentido formada na primeira parte: o perfil hagiográfico de Mestre João, comparável aos grandes fundadores que se esforçam por dar realização social à sua vocação espiritual, ao qual se opõe o Diabo, que tenta frustrar os seus esforços. Quando em Roma Mestre João espera a obtenção das graças pedidas a Martinho V, conquista a simpatia e ajuda do cardeal Gabriel, não apenas pelas suas qualidades como médico, mas também por "seu sancto desejo e motivo" (fl.21r). Quando, depois da eleição de Gabriel como Eugénio IV, ele lhe oferece o cargo de bispo de Lamego, Mestre João mostra-se renitente em aceitar, apesar de disputarem o lugar "em corte per si ou per seus procuradores bem sete, cõ suas supplicações, os qoaes em hü contêdiam sobre a dita prelazia" (fl.21r). Em contraste com esta imagem de um clero ávido de benefícios lucrativos, o fundador retira-se para um oratório, onde pede a Deus um sinal. Aceita o cargo como uma imposição, depois de interpretar como sinal divino o facto de o papa lhe ter mandado entregar o roquete episcopal²³. No segundo capítulo, encontramos um arcebispo "mui indinado", entregue à ira ("nõ ho podendo soportar"), que age com dissimulação ("veo-se a esta casa fingindo querer visitar") e sem nenhuma caridade, retirando imediatamente aos padres todas as rendas (fl.22r). A sua associação ao Diabo não podia ser mais explícita:

Em cima ja dise como ho diabo nosso adversario per muitos modos se trabalhou como nosos primeiros padres fundadores desta cõgregação

23 O episódio cumpre um tópico das vidas episcopais que remonta à Vida de S.Ambrósio de Milão (cf. *Vite dei Santi. II: Vita di Cipriano. Vita di Ambrogio. Vita di Agostino*, introduzione di Christine Mohrmann, texto critico e commento a cura di AAR. Bastiaensen, traduzioni di Luca Canali e Carlo Carena, Milano, Arnaldo Mondadori, 1997, pp. 62-64).

desistissem de seu cõcepto e, depois que os vio ja pacíficos em esta casa de Vilar, se trabalhou muito mais polos lançar fora dela, (...) Pore agora direi ho que em este espaço se obrou acerca deste proposito polo mesmo imigo e seu induzimento. Ouvindo ho arcebispo de Braga, (...) foi mui indinado... (fl.22r)

Contadas as iniciativas do arcebispo para prejudicar os padres, o capítulo termina com uma profecia relatada por uma devota e atribuída a dois franciscanos sobre as "muitas aseitãças do diabo" que sofreriam os padres de Vilar antes que Deus os libertasse (fl.23r). Está assim definitivamente traçado o sentido da história dos lóios contada por Paulo. A profecia inscreve-a no plano da vontade divina e ela apresenta-se como um palco onde as forças do bem (os lóios) são combatidas pelas forças demoníacas (o arcebispo D.Fernando, seus sequazes e, mais tarde, o arcebispo D.Luís). Sendo este um sentido eminentemente hagiográfico, relevante no modelo de santidade monástica⁴⁴, é evidente que o papel heróico é desempenhado colectivamente pela Congregação, cuja santidade a narrativa procurará demonstrar. Se o leitor reconhecer este modelo, saberá decifrar a progressiva robustez espiritual da comunidade, que lhe permite oferecer para o combate cavaleiros cada vez mais poderosos no uso das armas espirituais.

Em todas as comunidades religiosas o discurso historiográfico sobre a fundação e os primórdios funde-se com a narrativa das vidas do fundador e de uma galeria de figuras que, à sua volta ou no seu encaicho, seguem o mesmo modelo de santidade. Os terceiro, quarto e quinto capítulos contam histórias de possessões demoníacas. Gonçalo Dias de Barros, Ambrósio e Martinho são usados pelo Diabo na sua luta contra a Congregação mas o seu lugar no plano da obra não é na galeria dos virtuosos cujos perfis hagiográficos alicerçam por repetição e acumulação uma história primordial feita de santos. Trata-se, pelo contrário, de três pecadores: um abade que vivia no século "caregado de müdalidade", "de filhos e de outras cousas pouco pertemcentes a eclesiástico" (fl.23r), um padre que involuntariamente assassinou uma velha e a quem o Papa não reabilitou para a celebração dos ofícios divinos, e um judeu. Nos três casos a expulsão do Diabo não se deveu à força individual de cada um e sim ao poder da comunidade a que se acolheram. Gonçalo Dias de Barros vê o convento de Vilar como um refúgio, a que lamenta não se ter

⁴⁴ Sobre este modelo da santidade v. Claudio Leonardi, "I modelli dell'agiografia latina dall'epoca antica al Medioevo", *Passaggio dal Mondo Antico al Medi Evo da Teodosio a San Gregorio Magno*, Roma, Accademia Nazionale dei Lincei, 1980, pp. 442-450.

"acoutado" mais cedo (fl.24r) e a mudança de vida implica doar à comunidade os seus bens e benefícios. Ambrósio, gravemente possuído, escorraçado pela família e amigos, deve a sua salvação à caridade dos padres de Vilar que persistentemente o acolhem e amparam apesar das suas constantes recaídas. Pela boca de Martinho, o Diabo mandava os padres sair do convento, que só abandona depois de toda a comunidade ter feito um prolongado jejum. Então o Diabo "deu omra" ao "poderio" de Deus "e não pôde sofrer a mortificação e humildade dos seus servos." (fl. 26v). Nos três capítulos, a força espiritual que luta e vence o Diabo é a de uma personagem colectiva, a Congregação, cuja estatura se avoluma. A curta dimensão dos capítulos, sobretudo do último dos três, cuja construção narrativa não vai além do episódio, mostra a sua dependência sintagmática de uma narrativa subordinante que os inscreve num sentido global.

O núcleo seguinte de capítulos, do 6.º ao 10.º, obedece a um critério cronológico, que, no 6.º capítulo, sobre a entrada de Vasco Rodrigues na Congregação, aferimos pela data da sua morte, segundo Francisco de Santa Maria em 1458, data também do surto de peste que constituirá o denominador comum dos restantes capítulos. O 7.º, o 8.º e o 9.º contam a vida e morte de três cónegos de S. Elói durante o surto e o 10.º é o capítulo autobiográfico em que Paulo conta os seus próprios encontros com as forças demoníacas, quase todos durante a peste de 1458. Nestes cinco capítulos começa a construir-se a galeria de virtuosos que constituem os pilares da Congregação. Vasco Rodrigues não foi um pecador mas viveu junto dos poderosos arcebispos e vê ainda a Congregação como um refúgio, acolhendo-se a ela para fugir ao "basilisco" (fl.27r). Já Plácido e Álvaro (7.º e 8.º capítulos) distinguem-se dos anteriores pela precoce vocação para a vida regular, aproximando-se desde logo de um perfil hagiográfico. O primeiro "sempre ho seu desejo foi, de sua meninice, de servir Deos em algũa religião e ainda casi o avia por voto feito a Deos" (fl.28v). O segundo "asi como verdadeiro renunciador do mudo, sem falar a parente nê curar de cousa algũa que ho pôdese empidir em ho caminho de Deos, fogio à propia tera e veo-se deste reino cõ tal prepósito (...) que onde quer que o Senhor ho levase ou em qualquer casa de religiosos emtrase, em aquela casa ou religião toda sua vida perseverase" (fl.30r). Em ambos os textos poderíamos continuar a seguir um discurso hagiográfico, reconhecendo os seus tópicos característicos. A estes cónegos não são apontados defeitos ou desvios de comportamento e o seu combate com o Mal é personalizado. Plácido é importunado pelo Diabo porque este viu "seu bõ começo" (fl. 29r) e não porque deseja através dele atingir a comunidade. Ambos merecem a morte dos bem-aventurados, com a presença da Virgem (Plácido) ou dos santos (Álvaro).

No retrato hagiográfico do P.Baptista, no capítulo 11, destaca-se a familiaridade com o Diabo: ele reconhece-o imediatamente, mesmo quando ele se esconde sob a aparência de um irmão "todo religioso e muy composto" (fl.42r) ou quando toma as formas mais inocentes, como um velo de lã. Fala-lhe com autoridade e arrogância (fl.41r) e ousa pedir a Deus que lhe revele Satanás na sua verdadeira figura.

Os capítulos 14.º, 15.º e 16.º, com as vidas de Vasco Gonçalves, Jacobo e João de Arruda, que, no manuscrito se seguem à Vida de Baptista (sendo, porém, provavelmente anteceditos dos dois capítulos que se perderam), formam um grupo de virtuosos que vêm colocar-se na galeria de figuras notáveis, de retrato nitidamente hagiográfico mas cuja vida não alcança a complexidade narrativa da de Baptista, que só virá a ser igualada no capítulo 25.º, sobre João de Nazaré.

Juntos, Baptista e João de Nazaré representam as duas vertentes da espiritualidade lóia, que faz a síntese entre o modelo ascético tradicional e o modelo mendicante, virado para a pregação. No retrato do primeiro o acento é posto na pregação e na preocupação com a conversão dos judeus, em tomo dos quais vários episódios se desenvolvem. A atracção pela contemplação ascética é constante mas permanentemente adiada, decorrendo a sua vida entre viagens: estudando em Salamanca, ensinando Gramática em S. Elói, viajando pelo Alentejo ou de convento em convento, pregando pelas aldeias, emocionando com a sua pregação a rainha na corte ou defendendo a Congregação em Roma. Já João de Nazaré, que também prega, é sobretudo o *athleta Dei*, que se autodisciplina para além das suas forças físicas, cuja ciência é mais infusa que adquirida e cuja vida decorre sem interrupções em Vilar de Frades. Possuidor do dom da profecia, taumaturgo, João de Nazaré obtém miraculosamente a subversão da má vontade do arcebispo D.Fernando. O acordo de 1461, desfavorável para os padres, é apresentado como uma vitória pelo facto de lhes ter sido permitido ficar na casa e nada se diz das condições de sujeição em que isso foi possível. Graças a uma palavra inspirada do reitor, o arcebispo tornou-se por milagre amigo dos cônegos e dali em diante "todo era inclinado ha bem e piedade" (fl.66r). A Congregação achara finalmente o cavaleiro de Cristo capaz de travar por ela o "côbate" com o "aseitador" e espantá-lo vitoriosamente (fl.69v). O *Memorial* atinge, assim, com esta interpolação, um ponto épico que responde diegeticamente ao início da segunda parte: o desafio que à comunidade fora lançado pelo Diabo, através do arcebispo, é vencido. A santidade da Congregação veio a demonstrar-se progressivamente, em sucessivos desempenhos ascéticos e antidiabólicos que gradualmente a aproximam de Deus e a que Deus corresponde dotando-a de graças taumatúrgicas e pro-

féticas cada vez maiores. O percurso hagiográfico assim definido é o da "biografia ascendente"²³, cujo arquétipo se encontra na Vida de S. António por S. Atanásio de Alexandria e cujo cumprimento coloca a Congregação no lugar do herói hagiográfico.

A juventude da instituição encontra dificuldade em competir com o prestígio das Ordens mais antigas, nomeadamente as mendicantes, que floresciam por esta época e que promoviam eficazmente cultos tão populares como os dos Mártires de Marrocos em Coimbra ou S. Gonçalo em Amarante. Faltava aos lóios a posse de relíquias sacralizadoras do espaço e fundamentais na reivindicação de privilégios face ao poder secular. E essa falta que explica a atitude de João de Nazaré ao mandar elevar as sepulturas de duas figuras capazes de suscitar a devoção popular, "por ñ se perder a bõa memoria e devaçõ das sanctas reliquias e serẽ mais comunicadas a todos" (fl.72v), atribuindo aos padres de Vilar o papel de guardiões de corpos santos, cuja conservação, só por si, justificaria a posse do convento. A esta atitude corresponde, no *Memorial*, a decisão de Paulo de lhe dedicar dois capítulos, registando com exactidão o dia, mês e ano da trasladação, bem como o seu autor, para que não se perdesse a associação desejável dos padres, representados por João de Nazaré, ao culto das relíquias. Ao mesmo tempo, a localização não cronológica dos textos no final e o cuidado para que aí permaneçam denotam a consciência de uma certa funcionalidade simbólica: a analogia com a localização da série de milagres póstumos que sucede a narrativa da vida do santo e que institui a sua sepultura como um local de atemporal relação com Deus reforçam a concepção da história da Congregação como uma demonstração de santidade, cumprindo-se assim um plano de composição hagiográfica que sugere a comunidade de irmãos como um corpo íntegro, colectivamente santo.

A coerência deste sentido não é afectada pela tendência para divergências apologéticas e doutrinárias como as dos capítulos 3.º e 4.º da primeira parte e 17.º da segunda. Elas constituem, no discurso de Paulo, a explicitação de uma função assumidamente didáctica, quase sempre excursiva relativamente à intenção historiográfica. A obra pretende contar - e conta - a história dos lóios, registando factos verídicos. Mas selecciona apenas alguns dos factos verídicos que fazem a história dos lóios e apresenta-os inscritos num modelo semântico hagiográfico, marcado pela encenação do combate dos servos de Deus com o Antigo Inimigo e pela

23 Marc Van Uytvanghe, "La typologie de la sainteté en Occident vers la fin de l'Antiquité (avec une attention spéciale aux modèles bibliques)", *Scrivere di Santi*, a cura di Gennaro Luongo, Roma, Viella, 1998, p. 20.

forma crescente como a superioridade espiritual da Congregação se evidencia. O *Memorial* mostra que a historicidade - ou a sua ausência - não é o traço distintivo entre historiografia e hagiografia e que, mais do que a verdade, devemos decifrar os modos de contar a verdade e a natureza, factual, espiritual e simbólica da verdade.